

Em modo Hsu Chien, o Grajaú vira a Cinecittà

Prolífico realizador sino-carioca junta um elenco colossal, com Marisa Orth e Luiz Fernando Guimarães nos papéis centrais, numa comédia sobre livros, agentes secretos e improvisos

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Parece um encontro de titãs ver o Rui de “Os Normais” (que volta aos palcos, nesta sexta, no Teatro Clara Nunes, com a peça “Baixa Sociedade”) ao lado da eterna Magda de “Sai de Baixo”, Marisa Orth, no bastidor de um longa que tem tudo para viver um blockbuster do riso. “É uma história sobre o amor dos imperfeitos, de quem não corresponde às idealizações das redes sociais, num triunfo das pessoas reais”, diz Marisa, que foi homenageada na Mostra de Cinema de Ouro Preto (MG), em 2025, pelo tanto que já fez o Brasil rir... inclusive na telona.

Por mais que seriados humorísticos dos anos 1990 e 2000 piçoquem na nossa mente ao pensar nela e em Luiz Fernando, a começar pela “TV Pirata”, ambos desfilaram pela nata do cinema autoral deste país. Marisa, que esteve no cult “Não Quero Falar Sobre Isso Agora” (1991), filmou mais de uma vez sob as grifes de Lucia Murat e Anna Muylaert. Trabalhou com outras diretoras de prestígio, até algumas que passaram da marca do milhão (de ingressos vendidos), como Carla Camurati e Cris D’Amato.

Já Luiz Fernando, que estrelou dois blockbusters derivados de “Os Normais”, em 2003 e 2009, esteve no foco da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood depois da indicação de “O Que É Isso, Companheiro?” ao Oscar, em 1998. Bebeu no “Bar Esperança” (1983), de Hugo Carvana,

e flanou machadianamente pelas memórias do “Brás Cubas” (1985), de Julio Bressane. Seu currículo de diretores soma ainda Haroldo Marinho Barbosa, Arnaldo Jabor e Domingos Oliveira. “Aí aparece na frente da gente o Hsu, que é um príncipe, e torna tudo no processo leve, em parte por amar loucamente o cinema e ter visto de tudo, e em parte por gostar de resolver os problemas que aparecem num set... e saber resolver”, elogia Marisa.

Luiz Fernando, que cruzou com Hsu ao filmar “Se Puder... Dirija” (2013), tem visão parecida: “Procuro trabalhar com pessoas com características que possam nos preencher, e nunca chego a uma cena engessada. Qualquer resultado bom que se veja na tela, quando faço cinema, será o produto da minha afinidade com o diretor. Aqui, com o Hsu, interpreto uma história de casal na qual o homem que eu faço vê em sua mulher a heroína da vida dele”, define Luiz Fernando.

Ele é o motorista de táxi Ricardo e Marisa, a escritora Viviane. Para contar como essas duas almas se amalgamam, numa rotina onde problemas se engalfinham, Hsu - como praxe em sua obra como realizador, desde “Ninguém Entra, Ninguém Sai”, de 2017 - trouxe uma constelação de talentos, das mais variadas gerações. Tem Carol Castro, Marcelo Adnet, Leandro Lima, Valentina Bandeira, Carmo Dalla Vecchia, Diogo Almeida e uma diva multimídia, que já lotou salas de projeção e cruzou oceanos com a novela “Escrava Isaura” (1976): Lucélia Santos. “A paixão me move e, quando eu me conecto com a fala de uma personagem, nem preciso fazer



A escritora Viviane conta com o auxílio de sua femme fatale, a Agente Sedução (Carol Castro), para enfrentar o Mal

esforço, pois tudo é jogo, embora com muito respeito ao texto”, disse Lucélia ao Correio da Manhã, num set que conta sempre com os auspícios de uma crítica de cinema de fina

tarimba analítica, Janda Montenegro, doutora em Letras pela UFRJ, que virou uma espécie de anjo da guarda do Hsu, no posto de assistente de direção.

Fruto da sinergia entre a distribuidora Imagem Filmes e as produtoras La Duka, Uno, Moro e Bronze, “Um Casal Quase Perfeito” foi escrito por Beatriz Rhaddour e